

Autismo: uma estrutura a mais?

Rachel G. Amin Feres de Freitas

Maîtrise em Psicopatologia em Paris V (Paris, França)

Especialista em Teoria Psicanalítica pela UNESA (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano - Associação Mundial de Psicanálise.

Membro do Instituto Sephora de Pesquisa de Orientação Lacaniana –ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

Coordenadora do Projeto de PIPA e rabiola - Teresópolis (Rio de Janeiro) - Programa de Investigação psicanalítica do autismo / Núcleo de Referência – ES (Espírito Santo, Brasil)

E-mail: rachelamin@uol.com.br

Resumo: O tema do autismo constitui um campo de estudos relativamente novo. O século XXI nos traz uma importante reflexão sobre o autismo e uma pergunta que se impõe aos psicanalistas: temos uma epidemia de autismo ou de diagnóstico de autismo? As pesquisas para saber sobre a causa do autismo são muitas em diferentes abordagens teóricas e evidenciam uma antinomia importante entre indivíduo e sujeito. Estaremos enquanto psicanalistas do lado da homogeneização destas crianças ou prontos para a escutá-las em suas diferenças?

Palavras chave: autismo, psicose, diagnóstico, psicanálise e quarta-estrutura.

L'autisme: une structure supplémentaire? Le thème de l'autisme constitue un domaine d'étude relativement nouveau. Le XXI^e siècle apporte une réflexion importante sur l'autisme et une question qui s'impose aux psychanalystes: avons-nous une épidémie d'autisme ou un diagnostic d'autisme? Les recherches visant à connaître la cause de l'autisme sont nombreuses dans différentes approches théoriques et mettent en évidence une antinomie significative entre l'individu et le sujet. Sommes-nous en tant que psychanalystes favorables à l'homogénéisation de ces enfants ou prêts à les écouter dans leurs différences? Le thème de l'autisme constitue un domaine d'étude relativement nouveau. Le thème de l'autisme constitue un domaine d'étude relativement nouveau.

Mots-clés: autisme, psychose, diagnostic, psychanalyse et quatrième structure.

Autism: an extra structure? The subject of autism is a relatively new field of study. The twentieth century brings us an important reflection on autism and a question that imposes on us psychoanalysts: have an epidemic of autism or diagnosis of autism? Research to clarify the cause of autism is often different in theoretical approaches and highlights a significant antinomy between individual and subject. Meanwhile, are the psychoanalysts on the side of homogenizing these children or ready to listen to them their differences?

Key words: autism, psychosis, diagnosis, psychoanalysis and fourth-structure.

Autismo: uma estrutura a mais?

Rachel G. Amin Feres de Freitas

Introdução

O tema do autismo constitui um campo de estudos relativamente novo. A grande influência das ciências cognitivas nas pesquisas das psicopatologias, durante os anos de 1970, foi responsável por importantes mudanças ao insistirem na ideia de que o que parecia, até então, ser uma psicose seria, na verdade, um Distúrbio Invasivo do Desenvolvimento.

Sabemos que a clínica psiquiátrica da infância só se constituiu com muito atraso em relação à do adulto. Foi preciso esperar os anos de 1930 para que a psiquiatria infantil encontrasse sua autonomia e conseguisse formar seus próprios conceitos. Em 1911, E. Bleuler (Maleval, 2009c), que já havia caracterizado o pensamento e o comportamento esquizofrênico, considerou o autismo como um sintoma da esquizofrenia ao destacar o afastamento do sujeito da realidade. A partir das pesquisas de Bleuler sobre a esquizofrenia, Leo Kanner, em 1943 e Hans Asperger, em 1944, consideraram o autismo uma entidade nosológica a parte da esquizofrenia.

Kanner (1943, Maleval, 2012) pontuou que a desordem fundamental é a inaptidão das crianças para estabelecer relações normais com as pessoas e para reagir às situações da forma esperada. Ele observava que estas crianças não esperavam nem a partilha nem a troca com os outros desde o início da vida. Por isso, o isolamento, assim como a vontade de imutabilidade, eram tentativas de preservar, de forma rigorosa, a ordem em seu entorno que lhes parecia caótico.

Asperger (1944, Maleval, 2012) destacou principalmente a psicopatia e a restrição das relações do autista com seu entorno familiar como traços que distinguem o autismo da esquizofrenia. Leo Kanner destacou dois sintomas observados por ele como os aspectos mais importantes nesta clínica, diferentemente das esquizofrenias infantis, a saber: as vontades de imutabilidade e de isolamento. Estes sintomas são verificáveis desde o início da vida da criança autista.

A síndrome descrita por Asperger é muito próxima desta de Kanner, pois, para ambos, o isolamento é considerado um traço fundamental do autismo, cujo efeito é um contato social perturbado que se manifesta muito cedo na vida da criança.

No âmbito da psiquiatria, o conceito de autismo nasceu no campo das psicoses. Posteriormente, passou a ser considerado um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, chegando hoje, com o DSM V (2013), a ser classificado como TEA - Transtorno do Espectro Autista.

A psiquiatria aponta que a sintomatologia negativa (apatia, ausência de emoção, e dificuldade de socialização) pertence claramente ao campo da esquizofrenia e do autismo, entretanto, destaca que neste último há uma pobreza ou mesmo a ausência dos sintomas positivos (delírio e alucinação).

Classificar o autismo como não estando mais entre as psicoses é uma ideia que surge no

ano de 1975, durante o Congresso Americano do *Developmental Disabilities Act*. Neste momento se inicia um movimento de inclusão do autismo entre as incapacidades ligadas ao desenvolvimento, fato que dá partida para uma nova abordagem do conceito.

A tese da psiquiatria moderna é a de que os fenômenos elementares seriam patognomônicos da psicose. Frente à pobreza ou à ausência destes fenômenos o que assistimos é o surgimento de uma noção do espectro autista lançada pelo DSM V que inclui o autismo em um outro campo que não o da psicose. Além disso, postula a existência de uma gradação do mesmo que vai do leve, passando pelo moderado e chegando ao grave.

O argumento para retirar o autismo do campo da esquizofrenia será principalmente a não verificação de fenômenos elementares. Muitos profissionais, de diferentes áreas, dentre eles psiquiatras têm dificuldade em concordar com a ideia de que este é um índice forte na argumentação e até mesmo um critério de diagnóstico diferencial entre o autismo e a esquizofrenia. Tratar as alucinações verbais como um índice do diagnóstico diferencial nos leva a verificar o quão raro é encontrar estes fenômenos na clínica dos autistas.

Maleval (2009b) fez um rastreamento desta questão que lhe permitiu afirmar que nenhuma das onze crianças atendidas por Kanner apresentava alucinações. Eisemberg (1955, Maleval, 2009b) também não encontrou tais fenômenos elementares quando estudou 40 autistas entre as idades de oito a vinte e quatro anos. Do mesmo modo, Asperger também não os encontrou nas duzentas crianças autistas estudadas por ele durante dez anos.

Rimland (1964, Maleval, 2009b), da escola anglo-saxônica, afirma a ausência das alucinações no autismo e acredita ser este um importante índice diferencial entre o autismo e a esquizofrenia. Francis Tustin (1977, Maleval, 2009b), com sua larga experiência no estudo e na clínica do autismo, atesta o quão raro é encontrar estes fenômenos entre estes sujeitos.

A psicanálise

Alguns psicanalistas ainda permanecem, nos dias de hoje, adeptos à indiferenciação inicial entre autismo e esquizofrenia. Entretanto não se trata de uma hipótese verdadeira para todos. Entre os psicanalistas temos algumas leituras a respeito do autismo. Segundo Jean-Claude Maleval (2012), alguns acreditam na indiferenciação inicial entre autismo e psicose se tomarmos a sintomatologia do autismo – distúrbio de linguagem, de identidade e deslocalização do gozo –, que pertence à clínica da forclusão do Nome-do-Pai. Sobre essa questão, Eric Laurent (2012) precisa que, para a abordagem psicanalítica do autismo é necessário levar em conta a leitura de Jacques-Allain Miller sobre o UM do gozo no ensino de Lacan, que possibilita uma descrição mais fina no campo dos fenômenos clínicos no autismo, colocando-nos em presença de algo mais específico que a abordagem da psicose clássica ou atípica.

Frente a essas diversas leituras a respeito da clínica do autismo, podemos pensar juntamente com Maleval (2012) que a sintomatologia da vontade de imutabilidade, da ausência ou

da pobreza dos fenômenos elementares, da ausência de desencadeamento e, sobretudo, a verificação de que o autismo não evolui para uma psicose, assim como de outros índices que destacaremos abaixo, podem levantar a hipótese da existência de uma autêntica quarta estrutura subjetiva.

Por que a hipótese de uma quarta estrutura?

A hipótese de uma quarta estrutura autística, aventada pelos Lefort (2003), provoca reflexões e argumentações por parte dos analistas que comungam da mesma orientação lacaniana.

Rosine e Robert Lefort (2003) propuseram a existência de uma quarta estrutura subjetiva em "A distinção do autismo". Estes autores observaram, a partir de casos clínicos, autobiografias de autistas, de características de escritores, cientistas e personalidades de destaque na história, o que elencariam como suas características fundamentais. Tomaram como referência as características destacadas por Lacan a partir da dialética do significante e dos matemas, ou seja, destes conceitos que dão conta da emergência do sujeito e da sua especificidade e que, por isso mesmo, possibilita o levantamento de importantes questões no autismo. Se levados em conta a partir do sentido e do real, os matemas referentes ao Outro, ao Sujeito, ao objeto (*a*) como causa de desejo, ao S1 (significante unário que representa o sujeito mais especialmente ligado ao gozo inicial do sujeito) e ao S2 (significante ligado ao saber do Outro) abrem a proposta para o autismo como uma quarta estrutura (Lefort & Lefort, 2003, p. 8).

Os Lefort (2003) postulam uma inoperância do Outro simbólico que no autismo não está atravessado pela castração. Portanto, tudo passa a ser real e, como tal, intolerável, destruidor e deve ser destruído. Trata-se de uma exaltação da única pulsão em causa, a pulsão de morte. Eles deram passos importantes tais como a sustentação do conceito de duplo que é estrutural do autismo, porque não há identificação ao semelhante, não há especularidade, nem divisão do sujeito, apenas um duplo. A recusa de ser representado, ou seja, da identificação posta pela simbolização primordial, faz com que a representação possível para um autista seja através do duplo que tampona esta falta. Os Lefort escrevem (2003) que aparece de forma evidente a ausência de divisão do sujeito, que não entra no significante sequencial da linguagem. O autista não se faz representar por S1 o que resulta na ausência correlativa de um resto (*a*). Porque falta a alienação primordial e a separação que um autista procura reparar fazendo uma suplência através do duplo. O duplo está no real, mas pode promover, enquanto suplência, uma separação do Outro.

Maleval (2009c) nos escreve que como os Lefort não dispunham da noção de divisão do sujeito no real do duplo, era preciso dar passos adiante para que se fizessem avanços importantes nesta área. Os estudiosos do assunto avançaram se dedicando a documentos clínicos, as autobiografias dos autistas de alto rendimento e os estudos sobre a cognição destes sujeitos para poderem dar continuidade às suas pesquisas.

Alguns passos importantes e decisivos foram dados por Eric Laurent em 1992 (Laurent, 2012) com o conceito de *retorno do gozo sobre a borda* nos casos de autismo, e não sobre o corpo como sendo o principal elemento do funcionamento autístico. Esta proposta tem seu nascedouro na ideia de encapsulamento autístico feita por Francis Tustin (1981, Maleval, 2009c).

Maleval (2018), por sua vez, apresenta mais 2 características fundamentais para o diagnóstico de autismo, para além da enunciada por Laurent:

- 1) Uma retenção inicial dos objetos pulsionais.
- 2) Uma cristalização da alienação primordial que fica retida e se opera sem a sustentação do significante mestre.

A retenção inicial dos objetos pulsionais:

Segundo Maleval (2018), nós podemos nos beneficiar bastante da postulação de Freud (1895/1950) sobre a *primeira experiência de satisfação* para compreendermos a hipótese de uma recusa do intercâmbio com o Outro. Ao descrever a *primeira experiência de satisfação*, Freud afirma que, no início, o corpo do bebê é acometido por um aumento desprazeroso de energia endógena que precisa ser descarregado. Muitas vezes este alívio é obtido através de um grito que, no melhor dos casos, é interpretado pela mãe à sua própria moda. Esta interpretação feita pela mãe e aceita pelo bebê dá um nome ao desconforto vivido pela criança e funda ali uma demanda, um apelo, agora sim, endereçado a um outro, que Freud nomeia como outro de boa vontade, para que este novamente interprete quando ocorrer um novo desconforto. É deste modo que, segundo Freud, é fundado um laço libidinal entre este bebê e sua mãe.

Mais tarde, em seu artigo *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1925\1977) afirma que, neste momento de desamparo original de uma criança frente a um mal-estar, funda-se o laço com o semelhante visando a sobrevivência. Trata-se de um traumatismo originário do qual não há representação possível, nem do desamparo, nem deste semelhante que o acode com sua ação específica.

Para Jean-Claude Maleval (2017), o princípio do autismo está na recusa a ceder ao Outro os objetos pulsionais. Um bebê autista, segundo ele, não busca se fazer olhar por sua mãe, não procura se fazer ouvir e não possui interesse de que um adulto desvie seu olhar para atender a uma demanda sua. Desde muito cedo, apresenta transtornos da atenção conjunta, “esta noção se baseia por um lado, no detector da direção do olhar e, por outro, na designação de um objeto através de gestos, apontando-o” (Maleval 2015b, pag. 17). Não há, por parte da criança, nenhum interesse em interagir com aquele adulto e nem de chamar a sua atenção visualmente com gestos de apontamento do que quer que seja. Ela não parece esperar algo do outro, há mesmo um *traumatismo do endereçamento* (Laurent, 2012, pag. 43). Não somente as interações escópicas são evitadas pelas crianças autistas, mas também todos os objetos que são mobilizados nos primeiros intercâmbios com os pais são mais ou menos rechaçados ou retidos, a saber: a voz, os

excrementos e os alimentos. Estes fenômenos sugerem que o autismo se enraíza muito cedo na dificuldade de entrar numa interação com o outro, uma angústia irracional que o sujeito não domina.

O início extremamente precoce nos levaria a pensar que, de forma diferente de outras estruturas, o autismo não se desencadeia, uma vez que ele se apresenta desde cedo e não evolui senão para o próprio autismo.

O autismo e a interpretação do grito:

Para Maleval (2017), o que se verifica no autismo é a existência de uma recusa por parte do bebê em receber, efetivamente, a interpretação que vem dos pais que transformaria seu grito em apelo, estabelecendo, então, um laço entre ele e o Outro. Um bebê autista não entrelaça sua língua à *lalingua* materna. Lacan (1975) nos fala que um significante não significa a si mesmo. Um bebê autista receberia os significantes que vêm do Outro de forma passiva, e não interativa, condição que não permitiria fundar uma interação entre os significantes. O efeito de significação que permitirá que os significantes deslizem na cadeia requer uma tensão entre os significantes. No autismo esta tensão não ocorre. Por isso, o autista fica entregue ao enxame de S1 que, sozinhos, não possuem a potência necessária para se tornarem significantes mestres. A entrada na linguagem seria feita, então, sem a interpretação e, por conseguinte, sem o intercâmbio com o Outro, tesouro dos significantes. Assim, essa entrada se dá de forma intelectual, apartada dos afetos.

Os linguistas escrevem que, no balbucio, já se pode notar a influência do Outro sobre o bebê, assim como a intenção de uma comunicação entre um bebê e seus outros. Mottron (2004)¹ nota que o balbucio de um bebê autista não tem o propósito de enlaçamento com um outro. Seu balbucio ou grito são monocórdicos e sem modulação. Estes fenômenos sugerem a dificuldade dos autistas de entrarem em relação com os outros. Lacan (1975), por sua vez, afirma que é possível incorporar a linguagem separada do gozo vocal. O autista não deixa de ser afetado pelo traumatismo da linguagem. Ele está mergulhado num banho de linguagem e, às vezes, consegue apropriar-se dela com grande competência.

A partir da hipótese de Lacan sobre a possibilidade de entrada intelectual no campo da linguagem. Lacan (1975) ressalta que, se o autista tapa seus ouvidos numa recusa a escutar, é porque já está no pós-verbal, posto que se protege do verbo. Maleval (2018) supõe a existência de dois modos do autista lidar com a mesma: através de uma língua factual e/ou de uma língua verbosa. A dificuldade de poder fazer ressoar seu grito no vazio do Outro (Lacan, 1966), a recusa de se utilizar das significações provenientes deste Outro, enquanto tesouro dos significantes, e ainda de ceder ao gozo vocal são aspectos que trazem consequências sobre a subjetividade. A partir disto o autista tenta romper a ligação entre o pensamento (a vida intelectual) e os afetos (vida emocional). Os Lefort (2003) ressaltam este ponto afirmando que o significante, no autismo,

não se enraíza no corpo e, portanto, não se liga ao afeto.

O signo

Em 1960, Lacan define o signo como algo que representa alguma coisa para alguém, mas diferentemente do significante o signo não apagaria o rastro da coisa e faz subsistir uma imagem do referente. Jacques Allain Miller (2001) afirma que o signo está sempre relacionado a uma presença e o significante a uma articulação. Saussure (1969, Antunes, 2002) introduz, a partir da linguística, a ideia de que a palavra não representa a coisa. Entretanto, define o signo como a relação entre a imagem acústica, o som e o significado. Não é a coisa como se postulava na linguística clássica para quem o signo designava a coisa e o objeto, o referente. Para Saussure, a coisa está perdida. Mas no signo há uma tentativa de velar a coisa perdida porque ele solda imagem acústica, som e significado, e se supõe que se esteja nomeando as coisas. Não há um apagamento do referente e um deslizamento significante que funde a cadeia. Trata-se de um fechamento imaginário. O signo é a imagem sonora ou tátil, mais raramente gustativa ou olfativa, colada ao significado que institui um objeto.

Lacan (1957/58) faz uma crítica a Saussure a respeito desta concepção em que o significante se cola ao significado e quebra essa relação produzindo a autonomia do significante. Saussure (1969) afirma que, no campo da língua, o que se tem é a diferença. Portanto, é na relação entre as diferenças que o sentido começa a se dar. Isso já é o próprio acesso ao significante, pois se trata da relação entre lugares. Já para Lacan (1955/56), a representação de coisa é o significante, a *Vorstellungsrepräsentanz* de Freud. Entretanto, quando não há o descolamento entre significante e significado, este significado aparece de forma absoluta e pode ser tomado como signo. Até que S1 tome a potência de significante mestre, o falasser fica entregue ao enxame de S1. A cadeia significante ainda não se instalou em seu movimento. Momento em que está presente na linguagem, fato que pode ser entendido da seguinte maneira: não há nada que designe a coisa como tal e, portanto, a castração que a linguagem impõe é a própria perda do objeto, do referente, da coisa. O significante sozinho, diz Lacan, não significa nada. Apenas em relação a outro significante é que um efeito de significação pode se dar para o sujeito. É na relação entre significantes que o sentido que desliza na cadeia significante se produz a partir da perda do referente.

Para Noam Chomsky, linguística e filósofo norte-americano, as crianças já nascem com a competência para linguagem. Trata-se de algo inato e inerente ao homem. Mesmo assim, afirma Chomsky, é depois de ouvir as pessoas falarem que uma criança desenvolve sua competência para falar. Entre a competência e seu desempenho existe um caminho a ser feito. Por isso, poderíamos levantar a questão quanto à fala no autismo já que não se trata de um déficit. Por que estas crianças se recusam a desempenhar a competência para falar e se comunicar? Por que permanecem coladas ao funcionamento sígnico?

O signo, para Saussure, promove uma ilusão de que representa o referente. É uma tentativa de manter o referente como possível de ser representado. Por causa de uma não simbolização da perda estrutural do objeto há uma tentativa da imagem de permanecer ancorada ao seu significado. Forma-se assim o signo que tem como característica permanecer parasitado pelo referente (Antunes, 2002).

Para Maleval (2017), o autista está na linguagem através do signo. A principal dificuldade desta forma de funcionamento é a generalização do adquirido e, portanto, uma dificuldade de formar conceitos. Para apreender os conceitos abstratos ou relativos os autistas precisam relaciona-los às imagens. Muitos autistas de alto rendimento dão testemunho de pensarem em imagem. Fazem uma perfeita análise combinatória de elementos que se fecha numa significação absoluta. O autista, frente à sua dificuldade de lidar com conceitos, apreende-os através da comparação com outras palavras forjando seu significado um a um, pois não conta com o recurso que o significante permite de estabelecer um valor diferencial entre os significantes (Maleval, 2017).

A vontade de imutabilidade característica do autista decorre da frágil organização do mundo feita através dos signos. Quebrar esta organização faria a sua rígida compreensão do mundo voar pelos ares. O signo constitui um símbolo capaz de organizar o mundo, de evocar a coisa em sua ausência. Os autistas não têm a tensão entre os S1 e não sofrem o apagamento do referente. A dificuldade da instalação da cadeia significante e a impossibilidade de metaforizar e subjetivar as perdas e ausências os obriga a trata-las através da borda, através de objetos fora do corpo que fazem a função de um órgão suplementar ao corpo. (Laurent 2012, pag. 41). Estes objetos podem ter a função de armadura corporal e parceiro de seu ser.

Tustin (1970, Laurent, 2012) propõe que haveria um objeto, autístico, que promoveria um obstáculo à assunção da perda. Eric Laurent (2012), a partir desta proposta, dá um passo a mais dizendo que este objeto autístico levaria à construção de uma borda entre o autista e o mundo, resultando em uma defesa que lhe possibilitaria sair de sua solidão. Esta borda se fundaria, muitas vezes, em uma perda e na tentativa de domínio de um objeto que será tomado pelo autista com o intuito de proteção, fora do corpo, construindo uma fronteira possível entre ele e o mundo externo. Essa manobra permite transmutar esta perda em uma falta menos angustiante com a qual este sujeito pode lidar melhor.

A borda introduz um corte no gozo, localiza-o fora do corpo e possibilita uma diminuição de um excesso invasivo. A borda captura o gozo encarnado em um objeto concreto, uma imagem, uma pessoa ou um conjunto temático de signos. Ela pode ser formada por três elementos frequentemente intrincados - o duplo, o objeto autístico ou um interesse específico - que teria investimentos libidinais importantes e tratariam a perda desempenhando, no melhor dos casos, esta função de proteção e ligação de um autista com seu entorno. Seria uma fronteira entre o autista e o mundo exterior, um canal possível, assim como um captador de gozo dinâmico e

tratamento da perda pelo imaginário e não pela via do simbólico (Maleval, 2015b). O funcionamento psíquico se dá a partir das imagens coladas a uma significação; portanto, do signo. Não dá acesso à metáfora, ao significante que poderia simbolizar a perda do objeto. É através desta borda que um autista conseguirá tratar a invasão insistente do real e do gozo.

Miller (1983) escreve que as crianças autistas estão imersas no real, onde nada falta. Não há buraco e sem o simbólico, nada pode ser extraído. Esta postulação milleriana da falta de buraco leva Laurent a propor a *foraclusão do buraco* no autismo. Esta foraclusão que torna o mundo inviável e impõe a fabricação de um buraco, que pode levar à passagem ao ato, para encontrar uma saída ao excesso de gozo que invade o corpo. (Laurent, 2012).

O que se observa no autismo é um *falasser* imerso no real. Alguém que tenta promover a soldagem entre o real e a realidade no qual as palavras dizem o que as coisas são (Antunes, 2002). O signo nasce quando os S1, sozinhos, se colam às significações absolutas, não resultando na composição da cadeia de significantes. Deste modo, o falasser resiste a alienação que ficaria congelada por não poder contar com S1 na posição de significante mestre, como dobradiça e com a incorporação significante que se enraizaria no corpo.

A lalação

Lacan (1975) aproxima a lalação de seu conceito de *lalíngua*. Os linguistas nos ensinam que a lalação, por si mesma, já denota uma intenção de comunicação por parte de um bebê, pois está marcada pela resposta do Outro simbólico. Abre-se a dialética do dom e da demanda, a verdadeira gênese de lalangue porque já se coloca a imanência do Outro da linguagem. É uma bateria de significante fundada nas homofonias infantis, isto é, constituída de vários S1, como nos explica Maleval (2018). Ela opera pela incorporação do significante que anima o corpo no seu encontro com a linguagem. Seria, assim, um jato de gozo fálico que se enraizaria no corpo (Lacan, 1975).

Os relatos e as observações de bebês autistas muito pequenos mostram que seu balbúcio não serve como modo de interação com o outro. Nesse caso, os pais não estão e não são colocados em posição de interpretá-los como demandas e, por isso, aparecem apenas como uma vocalização solitária, porque um enlaçamento ao Outro não se operou, de forma que, como haviam observado os Lefort, a incorporação significante não tem lugar. A retenção da voz nos autistas mostra a dificuldade da sua própria enunciação que pode ir do mutismo à verborreia.

Lacan (1975), na Conferência de Genebra, responde a uma pergunta a respeito dos autistas dizendo que são, sobretudo, "verbosos". Deduz-se daí uma forma de linguagem solitária e que não serve para comunicação. Maleval (2018) nos diz que se trata de uma língua constituída por S1s sozinhos que não se encadeiam.

A respeito desta língua verbosa, Maleval (2018) afirma que é uma forma de solilóquio, de ecolalia e que possui uma satisfação solitária sem a intenção de dar início a algum tipo de

comunicação. Nós sabemos que o solilóquio é um falar ininterrupto que transmite as emoções e os pensamentos. Entretanto, uma criança autista não se interessa por se fazer ouvir em suas emoções e pensamentos e menos ainda se interessa por entabular trocas sobre estes. A ecolalia, por sua vez, com sua repetição das sílabas, palavras ou frases imediatamente ou após serem ouvidas, vem apoiada nos ecos do duplo e não nas respostas instiladas pelo Outro da linguagem. Ela pode ser usada para se defender da voz, mantendo o outro a distância. Esta língua verbosa pode levar um autista a construir uma língua privada, muitas vezes, cheia de neologismos. Toda criança cria uma forma privada de falar, mas no autismo a particularidade é que a criança não aceita o sentido que poderia vir do entorno. Na sua língua ele fala na sua cabeça, ao duplo, a um objeto organizador, mas não ao outro/Outro. Seu entorno pode até chegar a compreendê-la, mas as autobiografias de autistas de alto rendimento indicam que este outro não tem sua autorização para a utilizar e a entabular uma conversação (Maleval, 2018).

Quando um autista procura se comunicar, geralmente o faz a partir da escrita e/ou de uma fala orientada e dirigida ao outro através de seus interesses específicos. Esta língua para se comunicar pode nascer de sua língua privada, somada aos significantes extraídos da língua do Outro. Ela se baseia no discurso do Outro, na linguagem compartilhada e busca colocar ordem, clareza e apagar os equívocos possíveis na sua fala. Para isso, um autista anseia separar afetos e intelecto, e faz de sua comunicação uma coleção de fatos. Suas deduções não são feitas através da subjetivação e, sim, por uma análise combinatória dos fatos a partir dos quais vai tirando suas conclusões. Nesta língua, há um emprego massivo de substantivos, há a sustentação, na concretude, para tratar de fatos e objetos cerníveis e compreensíveis, evitando ter que interpretar o que está em jogo (Maleval, 2018).

Disto testemunham os autistas em suas autobiografias quando falam sobre o medo de um mundo que lhes é incompreensível e, portanto, caótico, que eles tentam ordená-lo e não interpretá-lo.

Conclusão

O século XXI nos traz uma importante reflexão sobre o autismo e uma pergunta se impõe aos psicanalistas: temos uma epidemia de autismo ou de diagnóstico de autismo?

As pesquisas para saber sobre a causa do autismo são muitas em diferentes abordagens teóricas e evidenciam uma antinomia importante entre indivíduo e sujeito. Estaremos, enquanto psicanalistas, do lado da homogeneização destas crianças ou prontos para a escutá-las em suas diferenças?

A orientação psicanalítica ainda aponta dois pontos importantes: a necessidade do diagnóstico para que possamos ter uma direção mais precisa do tratamento e a da sustentação das soluções própria a cada autista. Sabemos, a partir das bases do diagnóstico, que o autismo afeta de forma importante a comunicação, os laços, a inserção e a interação social. Encontramos

uma recusa da comunicação que levanta a hipótese, posta por Maleval, de que os autistas estão na linguagem através do signo e fabricam duas formas de língua, uma verbosa e a outra factual, para se inserirem minimamente no laço social. Esta recusa os afasta de suas emoções de seu pensamento e permite apenas que falem de seus interesses específicos a partir da língua do Outro para falar do que dominam e lhes apraz. Assim, um autista pode habitar o verbo e o laço social de diferentes modos e gradientes.

Consideraremos a indicação de Lacan de que o sujeito autista está na linguagem e não no discurso. A formulação de Rosine e Robert Lefort (2003) de que, na estrutura autística, o significante S1 não faz laço com S2. A proposta de Maleval (2018) a respeito da alienação do S1 congelada no autismo e a não cessão dos objetos pulsionais. Assim como a *forclusão do buraco* e o retorno do gozo sobre a borda como nos ensina Laurent (2012).

A partir destas formulações verificaremos que há uma falha na simbolização primordial daí o autista não consentir em ser representado. Quando falha a *bejahung* primordial, o que compromete gravemente o registro simbólico. Há apenas uma forma de mundo exterior imediato, diz Lacan (1953), manifestação que ele chama de real primitivo, um real não simbolizado.

Nós podemos pensar que, embora a entrada na linguagem se dê pelo *troumatisme* da língua, um autista, ao fixar este S1 a um significado, estabelece seu funcionamento psíquico pelo signo acedendo à sua vontade de imutabilidade. Aparta o que poderia vir da ordem do sentido e da interpretação.

Apesar de verbosos, como nos escreve Lacan (1975), o medo de tomar a palavra e se dirigir ao outro é imperativo. Por isso, vemos na clínica crianças que se recusam a falar sem serem mudas, outras que falam em momentos determinados a partir de sua urgência subjetiva, outras que criam uma língua privada que não serve para comunicação e ainda, as que consentem falar usando a língua factual.

Algumas autobiografias esclarecem que, muitas vezes, não se trata de uma recusa a falar, mas sim uma recusa de se dirigir ao outro/Outro. Convocar o significante e tomar a palavra faz aparecer a enunciação e o gozo vocal que constitui, para um autista, seu maior medo.

Tanto a sua voz, quanto a voz do Outro/outro, ambas o invadem. O que há de vivo nelas é a presença do enunciador. Assim, algumas crianças encontram suas soluções para tal e usam de vozes de personagens para falar, como uma das crianças atendidas por nós que falava através da voz de personagens da Disney, e outra que falava a partir de sua língua factual, de seu interesse específico entremeada com sua língua verbosa, que fazia ressoar entre suas frases um eco de fala. Há, ainda, as que não conseguem, de forma alguma, se dirigir a alguém.

Será a partir da escuta destas crianças que poderemos, então, ajudá-las a encontrarem suas soluções para tratar seu medo do Outro/outro e a recusa da voz. Soluções estas que acabam por incluir o que fica de sua relação com o Outro: seus objetos autísticos, suas estereotípias, seus duplos (Laurent, 2012) e seu interesse específico. Assim poderemos levar

adiante a advertência de Lacan (1975) quanto às estas crianças autistas que: há, seguramente, “alguma coisa a lhes dizer”

Notas:

1. Laurent Mottron é professor titular do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Montreal e "Chercheur National", do Quebec Health Research Fund. Ele detém a cadeira de pesquisa Marcel e Rolande Gosselin em neurociência cognitiva no autismo da Universidade de Montreal desde 2008. Como clínico, fundou o transtorno do espectro do autismo sem a clínica de retardo mental no Hospital Rivière-des-Prairies, Montreal, Quebec, em 1995, e em 2007 no centro de desordem do desenvolvimento da Universidade de Montreal (CETEDUM).

Referências bibliográficas

- Antunes, M. C. da C. (2002). *O discurso do analista e o campo da pulsão: da falta de gozo ao gozo com a falta*. Tese de doutorado. PPGTP/UFRJ.
- Freud, S. (1977) *Obras Completas. RJ: Imago Ed.*
- (1895). "Projeto para uma psicologia científica". Vol. I.
- (1925). "Inibições, sintomas e ansiedade". Vol. XX.
- Lacan, J. (1953-54/1975) "La topique de l'imaginaire", *Le Seminaire, Livre I Les écrits technique de Freud*, Paris: Ed Seuil, PP 87-104.
- Lacan, J. (1955-56). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. RJ: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1959-60). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. RJ: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1957-58). "A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud", in *Escritos*, RJ: Jorge Zahar Ed., PP. 496- 533.
- Lacan, J. (1968). "Alocução sobre as psicoses na infância", in *Outros Escritos*. RJ: Jorge Zahar Ed., PP. 359-368.
- Lacan, J.(1971-72). *O seminário – livro 19: Ou Pior*, RJ: Jorge Zahar Ed., PP.121-204.
- Lacan, J. (1975). "Conferência em Genebra sobre o sintoma", in *Opção lacaniana Revista brasileira internacional de psicanálise*, Dezembro 1998, nº 23, Ed Eolia, SP.
- Laurent. E. (2012). *La Bataille de L'Autisme: de la clinique à la politique*, Navarin Ed. Le champ freudien – paris 6º.
- Lefort, R.; LEFORT, R. (2003). *La Distiction de l'autisme*, Le Champ Freudien. Paris : Ed Seuil.
- Maleval, J.-C. (2009a). *L'autiste et sa voix*, Ed Seuil, Paris.
- Maleval, J.-C. (2009b). *Autismo, enunciación y alucinaciones in Psicoanálisis con niños y adolescentes 2*, Grama Ediciones, Buenos Aires, 2009.
- Maleval, J.-C. (2009c). Os objetos autísticos são nocivos? In *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 223-254, ago. 2009.

- Maleval, J.-C. (2009d). "De la psychose précossissime au spectre de l'autisme" in *L'autiste et sa voix*, Champ Freudien Ed Seuil, Paris .
- Maleval, J.-C. (2009e). *L'autiste, son double et ses objets, sous la direction J-C Maleval*, Presses Universitaires de Rennes.
- Maleval, J.-C. (2012). Pourquoi l'hypothèse d'une structure autistique?" in *Conversation clinique: À l'écoute des autistes Des concepts et des cas, Volume I*, Conversations organisée par Union pour la formation en clinique analytique, Paris juin 2012, pag 46-73.
- Maleval, J.-C. (2015a). *Estúdios sobre El autismo II*, Silvia Helena Tendlarz ET AL, 1ª Ed Buenos Aires: colección Diva, 2015.
- Maleval, J.-C. (2015b). "Por que a hipótese de uma estrutura autística?" in *Opção Lacaniana online nova serie*, ano 6, nº 18, novembro 2015. ISSN 2177-2673.
- Maleval, J.-C. (2015c). *Pourquoi l'hypothèse d'une structure autistique ?* (iii), La Cause de Désir, nº 89.
- Maleval, J.-C. (2017). "Da Estrutura autística", V Semana do autismo. NEL Bogotá. Agosto 2017. Inédita.
- Maleval, J.-C. (2018). "De la structure autistique", L'intervention a Lyon ACF-RA(2019) um dialogue médiat et mesure.
- Miller, J-A (2001). *Elementos de Biologia lacaniana*, Belo Horizonte, Ed EBPMG.
- Stiglitz, G (2017). *Fundamentos da Estrutura autística - II Jornada internacional PIPA e rabiola* Vitória ES – inédito.
- Veronez, M. *Relações e reflexões entre a competência linguística de Noam Chomsky e a competência discursiva de Dominique Maingueneau*, in DOI: <https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-18>

Citação/Citation: De Freitas, R. G. A. F. (mai. 2018 a out. 2018). Autismo: uma estrutura a mais? *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 13(26), 113-125. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v13n26p113-125.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 03/01/2019 / 01/03/2019.

Aceito/Accepted: 12/03/2019 / 03/12/2019.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.